

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DA ASSIGNATURA**

EM AVEIRO: anno (30 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.  
 FORA D'AVEIRO: anno (30 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.

**Publica-se aos Domingos**

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.  
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.  
 Numero avulso 30 rs.  
 Redacção e administração — rua Direita.

**AVEIRO**

**A SALAMANCADA**

Preoccupa a attenção geral o assumpto do syndicato portuense, vulgarmente conhecido pela *Salamancada* ou Syndicato-Burnay.

Querem os seus propugnadores que o seu alcance seja tal, que uma vez realizados os seus empenhos, a cidade do Porto se transformará em um manancial de riquezas e um *rendez-vous* da península iberica. Não mais os portos hespanhoes a disputarem-lhe as primazias do commercio!

Os impugnadores, porem, que o são em grande numero, e importantes, no dizer da camara municipal do Porto e do sr. ministro das obras publicas, afinam por um diapason diverso e declaram categoricamente que o Porto nada lucrará com a solução do assumpto, redundando esta em proveito exclusivo do Syndicato-Burnay e da *Financière*, da qual é um dos directores estipendiados o sr. ministro dos estrangeiros, o preclaro negociador do tratado de commercio com a França.

Não anteciparemos a nossa opinião. Analyseemos serenamente os factos.

O syndicato portuense, organizado sob a direcção do sr. Henry Burnay e protecção do sr. ministro das obras publicas, propõe-se a construir, mediante a garantia de juro annual de 135 contos de reis, uma linha ferrea, que partindo de Salamanca bifurque em Boadilla, dirigindo-se um dos ramaes para Barca d'Alva e o outro para Villar Formoso.

O primeiro d'estes ramaes porá em communicação a linha do Douro, quando esta estiver terminada até a fronteira, com Salamanca e d'ahi com a grande rede dos caminhos de ferro hespanhoes, seguindo a linha de Salamanca á Medina del Campo, pertencente como a da Beira Alta á *Financière*. O segundo completa o curso interrompido da linha da Beira Alta á Medina del Campo.

O traçado do tronco commum de Salamanca á Boadilla e o do ramal de Villar Formoso, segundo os technicos, offercem condições de tracção commoda, podendo por esta circumstancia ser explorados com proveito. Acresce que tronco e ramal fazem parte da linha ferrea pertencente a *Financière*, e como chave do commercio internacional, a companhia alguma mais que a esta convem a sua posse. Outra encontraria graves embaraços na sua exploração.

Não acontece outro tanto com a directriz projectada de Boadilla á Barca d'Alva, que no dizer dos technicos, e entre o engenheiro relator do projecto de lei em discussão na camara dos srs. deputados, envolve graves difficuldades de tracção, especialmente de planalto de Lumbralis á Barca d'Alva, onde o declive é tal que o comboio só poderá arrastar-se com o auxilio da cramalheira, o que, alem de difficil e arriscado, torna tardio o percurso. Nestas circumstancias difficilmente se poderá suppor que

os productos a exportarem-se de Salamanca prefiram o Porto a Vigo e Santander, antes tudo leva a acreditar na preferencia dos dois portos hespanhoes.

Do que deixamos dito se conclue:

1.º—Que a construcção da linha e ramaes projectada pelo syndicato portuense, favorece consideravelmente o movimento da linha da Beira Alta, tornando-a por isso a principal senão a unica, via de communicação internacional.

2.º—Que as vantagens da referida construcção resultam para o Porto são, por ora, quando menos, dubias.

Taes as consequencias logicas e immediatas dos factos.

Vejamos agora o que d'ellas poderá resultar. Prosigamos na analyse.

O syndicato portuense não podendo explorar com vantagem, sem um accordo com a *Financière*, as linhas a que se propõe como concessionario, entrará com esta em um accordo, que segundo se afirma foi já estabelecido.

O accordo mais vantajoso será, inquestionavelmente, o que, offercendo lucros ao syndicato, isente a *Financière* de uma ingerencia extranha na exploração da linha internacional de Medina del Campo á Beira Alta. N'estes termos o trespassse da concessão feita pelo governo portuguez ao syndicato á *Financière*, mediante uma indemnisação, torna-se uma solução aceitavel e a qual, com justiça, ninguem poderá oppor-se.

Uma vez verificado o trespassse, a *Financière* construirá no mais curto periodo de tempo possivel o tronco commum e o ramal de Villar-Formoso.

O ramal de Boadilla á Barca d'Alva, quando a sua construcção não fique para as calendas gregas, será executado de modo que jamais affectem os interesses da sua linha da Beira Alta, e ninguem a poderá obrigar, quando mesmo um traçado differente a este se prestasse, a proceder de uma forma diversa. Tribunal nenhum será capaz de pronunciar um veredictum que obrigue uma companhia á uma construcção ou operação que fira profundamente os seus interesses. E demais, a Hespanha só insistiria na modificação do traçado se d'ahi lhe proviessem interesses.

Aprofundemos o assumpto e vejamos quaes os lucros provaveis ao syndicato e á *Financière*.

O capital correspondente á garantia de juros á carga do thesouro portuguez foi estimado em 2:700 contos de reis. A *Financière* propuzera ao governo a construcção do ramal de Boadilla á Barca de Alva, mediante o subsidio de 1:000 contos de reis; isto é reservava-se a construir, com o modico subsidio do governo hespanhol, o tronco commum de Salamanca a Boadilla e o ramal de Barca de Alva e pedia ao governo portuguez o subsidio já mencionado de 1:000 contos de reis para o estabelecimento do ramal de Barca de Alva. D'este modo poupavamos 85 contos de reis annuaes.

Esta proposta da *Financière* foi recusada, e antes mesmo de terminarem-se as negociações, o sr. ministro das obras publicas in-

vocava o auxilio do sr. Burnay para a organização do syndicato. Tinha em mira, segundo afirmou, amedrontar a *Financière*.

Das condições actuaes, porem, resultará o ficar a *Financière* habilitada com 2:700 contos de reis para a construcção do traçado geral, podendo assim dispor, sem prejuizo, dos 1:700 contos de reis, que tinha de empregar dos fundos da companhia na construcção do tronco commum e no ramal de Villar-Formoso.

Esses 1:700 contos de reis desempenharam o papel de eloquencia ambrosina para aplanar alguns escrúpulos ao trespassse da concessão a que nos referimos, caso elles ainda existam, o que não é de presumir-se attenta a declaração do relator do projecto.

Em resumo. Dão-se de mão beijada mil e tantos contos de reis ao syndicato e a garantia de juros sobre os 2:700 contos á *Financière*.

Tal é a solução em prospectiva! E tudo isso porque?

Para embolsarem-se alguns capitalistas do Porto de umas despesas tresloucadas; para favorecer-se a *Financière* de que é um dos directores estipendiados o sr. ministro das obras publicas, e para se conceder ao sr. Burnay o justo galardão das suas dedicações!

Não lhe seria sufficiente recompensa a negociata da Torres?

Que nos não leve a mal o sr. Burnay estas ligeiras observações, mas não temos a menor intenção de o molestar, e contra o qual nos não move a menor animosidade e nem mesmo o conhecemos. Analyseemos os factos e nada mais.

G. BENEVIDES

**ANTONIO BARRETO FERRAZ SACCHETTI**

**Morreu!**

A dor pela perda de um amigo de infancia, e cujo viver nos foi paralelo e de uma intimidade dulcissima e nunca alterada, essa dor não tem palavras, não se traduz por sons articulados, de convenção. E' dessas que exigem o desaiogo das lagrimas e dos gritos descorrezes.

Quizera descrever-lhe as qualidades, todas gentis; quizera commemorar-lhe as virtudes nobilissimas. Mas nega-se a i-so o meu espirito desconcertado pela fereza da desgraça inesperada.

Não posso mais do que por entre o estrangulamento dos soluços dizer ao meu carissimo amigo o derradeiro:

Adeus!

CARLOS FARIA.

**GAZETILHA DA EXPOSIÇÃO**

111

E até hoje ainda ninguem me exigiu o reembolso dos 100 réis arrependidamente gastos na visita da Exposição. D'onde concluo que os visitantes estão com ella satisfeitos ou que não leram o meu ultimo artiguinho,—hypotheses estas

que de todas as maneiras me li-songeam; a primeira pela razão evidente e resaltante do carinho que consagro á grande obra do *Gremio Moderno*; e a segunda porque me livre da sensaboria de encarar com uma bestia e de lhe marcar no pélo indomavel o ferrete do tostão brutamente chorado.

Mas como o passado de uma semana não auctorisa os factos da seguinte (desde o momento em que ha annos, seculos, e milenios), e para que ninguem me accuse de avaro—que é a denominação de que mais me arreccio,—continuo a prometter a restituição de 100 réis a todo o alarve que se arrependa de os ter gasto em vêr a Exposição; e continuo a indicar os objectos que merecem qualquer chronometria de attenção.

Eu convido a indiferença e a brutalidade a virem comigo á colleccção de pentes de adorno, e aposto todas as minhas bossas, a moleirinha e a covinha do ladrão contra um frasco de Quinine hair lotion de Atkinson em como se reconhece que ha d'esses enfeites exemplares que demonstram que as nossas avós tinham ao mesmo tempo que umas cabeças de resistencia uns objectos delicados e graciosos para embelezamento dos seus corpos anciosos do espectacularo.

A enormidade do trapesio de tartaruga lisa e cuja simplicidade é apenas melindrada por um friso em lascas, pertencente ao sr. Novaes de Albergaria, prova a primeira parte da minha proposição; o leque da sr.ª D. Maria José Maia, com os seus gomos alternadamente desataviados e adornados com gentis vasamentos de aves symetricas com folhagens elegantes em combinação verifica-lhe a segunda parte. O leque do sr. Vidal, de Vagos, dá um documento unido e indubitavel da dualidade, no avantagejado das dimensões e no prodigalzado trabalho do seu calado.

E já que fallei de ornatos femininos, seja-me licito fazer uma transição para os leques.

Ha d'ellos abundancia e variedade. Sem embargo faltam exemplares das ventarolas antigas de clina, de plumagem e de murta. A exposição é unicamente dos leques que os francezes chamam — *à feuille et brisés*. Entre estes são curiosidades um de pau do ar, pequenissimo pelo muito rendado dos seus labores e que pertence ao sr. Carmo; e outro, propriedade da sr.ª D. Maria José Maia, chinez de metal dourado, com as sabidas folhagens de esmalte azul e verde e singular pelo remate das varetas n'um desenho regular de estrellinhas em transversaes linhas paralelas.

Entre aquelles são distintos: os da sr.ª D. Eliza Magalhães e do sr. Carmo, com um bordado a lentijoulas sobre figuras de papel assentes em seda; o do sr. Marques Gomes com cuidadas applicações de lentejoulas e folhagens aureas sobre o fresco branco de fina seda; o do sr. Pinto de Souza de papel chinez com acharoadas varetas negras; o funebre do sr. Carmo com lentijoulas sobre crepe; o do sr. Domingos Aralla, de moderna filagrana dourada, com

grande aparato de grupos chinezes com as respectivas e caracteristicas cabecinhas de marfim, e gaande fausto de labores nas varetas de encerramento; e finalmente os dois do sr. Mendes Leite, no denominado estilo Pompadour, e que no colorido, bem como na delicadeza das silvas, grinaldas e amoroso agrupamento das elegantes figuras pintadas do seu segmento de papel auctorizam a jurar os filhos de Lebrun Boucher ou Watteau a quem a tradição os attribue.

E como estamos em maré feminina apontamos uma luva de camurça para todo o braço com a sua sugeição de uma tirinha da mesma materia, no estylo mosqueteiro agora em moda. São dos principios d'este seculo, e expostas pela sr.ª D. Maria José Maia.

CARLOS FARIA.

**NOTAS SOBRE OS PROGRAMMAS DE ENSINO PRIMARIO ELEMENTAR**

Os programmas de ensino primario elementar appareceram finalmente depois de esperados anciosamente por mais de nove mezes. Este facto significativo mostra bem a incuria e o desleixo que reinam nas repartições publicas. Com effeito, tendo a lei de 2 de maio de 1878 entrado em execução no 1.º de julho de 1881, só no mez de abril do anno corrente é que foram publicados os programmas para servirem de norte ao professor primario!

A commissão que fez os programmas, compõe-se de pessoas que na sua totalidade, ou quasi, podem reputar-se competentes. Em verdade 5 dos seus membros são professores primarios, 2 professores de escola normal, 3 professores de instrucção superior e 1 advogado.

Este assumpto dos programmas é importantissimo, porque abrange a indicação das materias que o mestre deve ensinar em cada ramo da instrucção primaria, a ordem e distribuição d'ellas pelo curso e até o methodo que se deve seguir no ensino. Conhecida a importancia da materia fica justificada a oportunidade das ponderações com que vamos, muito de passagem, examinar o que são e o que valem os novos programmas.

Começaremos pelo da leitura, que está bem concebido, efaz honra a quem o redigiu. A gradação que indica é racional e os conselhos que dá ao mestre são sensatos. Quizeramos, porem, que o programma insistisse no ensino paralelo da leitura e escripta e desse alguns conselhos a tal respeito, porque este modo de proceder no ensino tem hoje por si a opinião dos mais notaveis pedagogos theoreticos e praticos. Ainda assim o programma manda alliar quanto possivel ao ensino da leitura, o da orthographia pratica. Mas que será orthographia pratica? Haverá algum modo de orthographar theoreticamente? Não se comprehende bem o que seja orthographia pratica em contraposição a uma or-

thographia theorica (a pratica supõe-se a theoria e vice-versa), ou antes comprehende-se bem alli uma certa preocupação de dar a coisas muito simples certas denominações apparatusas.

O programma de escripta é, em nosso parecer, muito inferior ao de leitura e até contém conselhos que reputamos verdadeiramente nocivos. Com effeito, o programma diz que o professor pôde empregar, no ensino da calligraphia, o processo de *calcar* prudentemente combinado e alternado com o de *imitar*. Isto é absurdo e antipedagogico, porque a calligraphia contém um elemento artistico muito importante, como denuncia a propria composição do termo calligraphia. Por outras palavras, no ensino da calligraphia ha-de se proceder pouco mais ou menos como no ensino do desenho. Ora qual será o mestre de desenho que permita aos seus discipulos o desenhar, calcando o modelo? Contrarios d'esta força basta apontar-os, para que fiquem irremediavelmente condemnados.

O programma de arithmetica e systema metrico está racionalmente organizado. Os exercicios apparecem desdobrados em duas series; 1.ª exercicios praticos e intuitivos, 2.ª exercicios theoricos e de applicações, mas o programma é avaro em excesso quanto aos conselhos que deveria dar aos professores. O programma de grammatica parece-nos simplesmente detestavel, não occultando que encerra alguns preceitos que ninguém enjota. Depois de dizer que a grammatica deve ser ensinada principalmente por meios praticos, o programma começa todavia pela « ideia de substancia e das qualidades e propriedades das substancias »! Cá temos a metaphysica para os pobres meninos! Todos pregam que o ensino deve principiar pelo concreto e pelo individual para subir gradualmente ao que é abstracto e geral. Pois o programma pecca contra este preceito fundamental, começando o estudo da grammatica por uma das ideias mais abstractas a que o espirito humano é capaz de attingir. E como se isto não bastasse, o programma falla, um pouco adiante, de « ideia logica de individuos especie e genero! » Assim vamos de surpresa em surpresa, encontrando de vez em quando uma dose de metaphysica (?) ou coisa que o valha. Que quer dizer ideia logica, não fazem favor de nos explicar? Que vantagens terá para o conhecimento pratico da lingua materna a aquisição d'aquellas nações? E' evidente que, no principio do estudo, o espirito dos meninos não está preparado para assimilar estes conhecimentos abstractos e geraes, e por isso tudo se converterá no mais deploravel e óco verbalismo. Alem d'estes defeitos, que são capitaes, o programma apresenta outros não menos deploraveis.

(Continua)

F. A. C.

## COMMUNICADO

Vamos encetar uma serie d'artigos concernentes a demonstrar ao sr. Director Geral dos Correios e Telegraphos os despotismos e iniquidades praticadas n'este districto pelo seu subordinado Joaquim José dos Prazeres, actual director telegrapho-postal n'esta cidade. Seremos inexoraveis nas censuras como aeres no apontar dos factos, e destacados no modo d'expor. A nossa pena será um escalpello que minuciosamente examinará as partes mais occultas d'essa materia putrefacta. E assim como a sciencia demonstra ao mundo a composição do ser, assim tambem nós provaremos á Direcção Geral os actos de despotismo praticados por um seu

empregado, que se acha á frente d'um lugar dependente d'intelligencia e criterio. Arvoramos a nossa bandeira em favor da justiça ultrajada, d'uma causa em que existe um oppressor arrogante e uma porção bastante grande d'opprimidos indefesos. Chamem-nos depois cruéis e deshumanos, austeros e rigidos, mas teremos assim dado mais uma prova da nossa hombridade e independencia de caracter.

Havemos d'arrancar uma por uma, do olvido em que têm jazido até hoje, as pustulas negras e ainda abertas que ornão a existencia, em Aveiro, do director telegrapho-postal, para assim ser melhor conhecido o derrair d'esta caranguejola d'empregados ineptos que os governos nos estão dando a cada hora; havemos d'expor no polourinho da opinião publica sensata e illustrada a ignominia do despotismo e o descaramento do « posso quero e mando » que nos infesta; havemos d'arremear ao sorrir escarnento dos Aveirenses uma figura grotesca que nos encommoda os nervos e nos revolta o espirito, mostrando-nos o soberanamente ridiculo d'uma posição errada.

Não o desejavamos fazer. Antes queríamos desenvolver elogios e dispensar encomios, desprezar a censura e lançar para longe de nós a severidade da nossa penna. Ante nós, porém, está um homem querendo espesinhar os seus inferiores, que não podem erguer-se da pathia a que os vota uma mal entendida organização hierarchica, que não podem arvorar uma prova em sua defesa. Levantamo-nos a favor d'uns homens que se queixam das prepotencias commettidas contra elles por actos legaes e justos e offendidos na sua dignidade pelas arrogancias que acarreta uma educação mui pouco desenvolvida e uma instrução bastante deficiente.

Eis-nos no posto do jornalista consciencioso e recto a pugnar pela justiça calcada aos pés e poraquelle que maior dever finha d'arvorar-se em seu dictador e de publicar os seus direitos fundados na razão.

Este jornal ha-de ir ás mãos do sr. administrador dos correios do Porto e ha-de igualmente ser lido pelos srs. Guilhermino de Barros e Castanheira das Neves. As phrases d'indignação que soltarmos no decurso da narração dos factos, não de comprehendel-as estes srs. como ellas realmente são: um brado estridente que levantamos pedindo providencias para a anarchia que aqui reina. Clamaremos alto, muito alto, para que todos nos ouçam e para que seja respeitado o direito irrefutavel do fraco, calcado pelo que se estriba na impunidade das prepotencias. Levantaremos muito alto a nossa voz para que echõe nos ouvidos dos que regem as estações superiores, para que os poderes competentes nos ouçam; e creia o sr. Prazeres que não cançaremos de pedir justiça enquanto não virmos restabelecida a moralidade, a ordem e a illustração no governo do districto-telegrapho-postal.

Havemos de ser infatigaveis no nosso fim e não cessaremos alquebrados. Restam-nos as forças do direito. Calarnos-hemos, sim, quando o bom senso presidir aos dictames da razão.

Ha mais tempo tratamos este assumpto se as informações desenvolvidas que esperavamos da administração do Porto nol-o tivessem permitido. Hoje, porém, que as temos, juntas a outras muitas façanhas que adornam o sr. Prazeres, e que fazem um cadastro nogenito d'arbitrariedades e arrogancias, não descansaremos. Nada lhe será poupado, creia-o.

E até ao proximo numero.

THEMIS.

## GAZETILHA DA SEMANA

N'outro tempo o D. Miguel Prohibiu o ser cantada (Por julgar ter lá papel) « Joven Lilia abandonada ».

Hoje o Tigre furioso Espeque da realza, Manda para o calabouço Quem cantar a Marselheza!

Na policia, actualmente, Quem quizer lá por o pé, Estuda primeiramente A trantear o Rouget.

O culpado d'estas scenas Foi quem presente lhe fez Dos seus velhos pecadinhos; Pois em vez d'um tigre apenas Mordem agora já tres!!!...

CRI-CRI.

## OPERA BURLESCA

Apostolos da ideia, a quem fazeis a guerra?  
Que buscaes demolir? que pertendeis matar?  
Se tudo é morto já, se tudo jaz por terra  
Se o throno é de cartão e se é de lódo o altar!

Se o proprio Czar, o rei menos falsificado  
Derradeiro authocrata em fama de cruel,  
Sabe Deus o martyrio em que se vê, coitado  
Com um receio atroz de que lhe vão á pel!

Se o papa, o rei dos reis, esse antigo nababo  
Que dispanha de tudo a seu bello prazer,  
Não é hoje a final mais que um pobre diabo  
Que pelo mundo esmolla o pão para comer!

Onde é que andaes buscando os tetricos tyrannos,  
Os velhos Torquemada, os Luiz XI fataes?  
Toda essa gente já lá vae ha muitos annos,  
Levando a traz de si venenos e punhaes.

Hoje o rei é burguez, o padre é deputado,  
Andam de c'roa á banda, ares bonacheirões  
E se querem fingir reinar inda um bocado  
Mandam os servicaes vestir-se de papões.

O ultimo defensor da velha monarchia  
É um truão de feira, um bobo de aluguel,  
Que em vez de metter medo, o riso desafia,  
A hydra a arremetter, com barbas de cordel.

Deixae os europeis da turba truanesca  
Que tudo por si tombe e tudo se escavaque  
O velho mundo é só uma opera burlesca  
Mais buffa e mais bargante inda que as de Offenbach!

Se a trombeta do hebreu troando em sete voltas  
Ruiu de Gericó as torres apumadas,  
Toda esta podridão, sem brados, sem revoltas  
Por terra cahirá com sete gargalhadas!

ACACIO ANTUNES.

## AQUARELLA

Accorda a sombra tacita do lago  
Do rouxinol a candida volata;  
A lua em chispas tremulas de prata  
Imprime ao lesto amor um tom presago.

O vento raro e brando com afago  
O tredo esquite languido arrebata,  
E o transporta subtil, como um pirata,  
Dando azas ao terror ignoto, vago.

Suspira na floresta a morna aragem,  
As strellas trocam beijos delirantes,  
Que mais excitam castellã e pagem.

Eis brilha uma coiraza junto á margem  
E a freeba sibilando alguns instantes  
Acaba n'um só golpe os dois amantes.

MELLO FREITAS.

## NO CONFESSONARIO

D'am frade libidino, bronzado,  
Ortego desenhou o rosto bento;  
Grave ausculta no sexto mandamento  
Uma joven do se'lo passado;

Fascinada respira o ar mesclado  
Das lascivas perguntas de convento,  
Que se a proveitam do veloz momento  
Galopando na senda do peccado.

A pobre flôr arqueja palpitante  
Sob esse olhar que vai como despil-a  
Mistico, corrompido e triumphante

E na cruz soffredor, agonisante,  
Mudo Christo de velha e tosca argila  
Pasma da habilidade do farçante!

MELLO FREITAS.

## CARTAS

Lisboa 26 de maio

Estamos em perfeito estado de sitio. Se não tiramos o chapelo quando passa uma procissão ridicula e indecente, somos presos; se assistimos baixinho a marselheza nas horas tristes da vida para dissiparmos maguas, vamos parar

impostos, esbanjam o nosso dinheiro em negociatas como a de Torres, a da Salamanca e a de Villa Fernando, enchem de libras os bolsos dos magnates politicos que se divertem lá por fóra a titulo de commissões, administram-nos pessimamente a justiça, as repartições publicas são um foco d'escandalos, como o Correio, por exemplo, e ainda em cima nos tiram umas certas regalias e liberdades, que já eram bem poucochmhas.

Estamos fartos d'arbitrariedades e isto rebenta necessariamente mais cedo do que todos desejaríamos. E estes asnos chapados, permita-se-me a expressão que não encontro na minha indignação outra mais suave para classificar, a fallarem com horror na republica! Mas quem a faz são elles, com a sua falta de fino, de prudencia e de senso. Não possuem, sequer, o senso d'uma creança e estão em Rihafolles muitos individuos com mais juizo do que esta troupe maldita, esta cáfila que cahiu sobre o paiz e que arrasa tudo como no campo os gafanhotos. Aquella pagina cental do Antonio Maria de hontem está soberba, esplendida. Lá estão o rei, o Fontes, o Arrobas, o Macedo e quejandos a aperfeiçoarem a estatua da republica. Sim, é aquella e grande verdade. Elles é que são os grandes demolidores da sua propria obra e os grandes constructores da nossa. Eu pasmo realmente, confesso-o na minha ingenuidade de profano em altas tricas politicas, de tanta tolice e disparate. Mas vamos aos acontecimentos.

O nosso illustre correligionario Bordallo Pinheiro, um dos mais extraordinarios talentos que tem apparecido n'este paiz, foi preso um dia d'estes no Chiado por estar a cantarolar a marselheza. Foi parar ao governo civil, está claro. Elle hontem vingava-se bem no Antonio Maria ridicularisando brillantemente os tartufos do arrobas. Mas nem elle, nem nós nos contentamos com isso. Prender-se um homem por cantar a marselheza, quer seja a meia voz, quer não seja, é um escandalo tão monumental e um delicto tão grave que não ha penas severas para o castigo.

Em primeiro lugar, em parte alguma do mundo se prende um homem por cantar seja o que for; e em segundo lugar a marselheza não é uma canção de fadistas que nada represente, é o hymno nacional d'uma nação amiga, que temos obrigação d'estimar e respeitar. Já tivemos duas questões internacionais com a França, por causa do idiotismo dos nossos homens publicos e não estamos livres de ter outra por a mesma razão. É sina nossa desconsiderarmos aquella excellente nação a quem a liberdade e o progresso tanto devem. Em 1831 tivemos um desgosto profundo por causa dos caceteiros d'então, que fizeram tropelias negras ao francez Bonhomme e um outro seu compatriota accusados de liberaes e livres pensadores. Os patrioteiros gritaram furibundos e ainda hoje alguns restos dispersos dos absolutistas escoucãem a França por ella ter castigado severamente a ousadia e a infamia das auctoridades portuguezas. Em 1857 deu-se outro acontecimento tão desgraçado como esse. Quem teve a culpa? o nosso ministro dos negocios estrangeiros, que se esqueceu de responder ás notas francezas. Em outro paiz esse homem seria mandado para a Africa com uma grilhetta ao pé.

Agora arriscamo-nos a soffrer novos dissabores. A colonia franceza já representou ao seu ministro, pedindo-lhe para protestar contra a prohibição de se tocar o seu hymno nncional. Hontem corria na cidade, que o ministro dos

negocios estrangeiros recebera do embaixador francez uma nota energica a tal respeito. O que nos vale ainda é este ser jesuita e não ha de ter por isso muito amor á marseleza. Mas corre ainda que a colonia pedirá ao governo francez a sua substituição, caso elle não proceda com a energia devida. Ora a colonia franceza, que é aqui muito numerosa e importante fez essa representação antes do caso da polytechnica. Como terá ella agora os animos? Mais exaltados, necessariamente. Supponhamos que um francez, ou dois ou tres, mandam ahi tocar qualquer dia o hymno da sua nação. A policia prende-os e dá-lhe bordoadas como de costume e ahi ficamos nós mettidos em camiza de onze varas por causa do arrobos.

O caso da polytechnica a que me referi foi muito simples. Um estudante assobiava no atrio do edificio a marseleza e um policia, que passava repontou com elle. Os outros estudantes que notaram isso começaram a cantolar a marseleza por pirraça. D'ahi a pouco um exercito de policia cercava a Escola e prendia alguns estudantes. Os que protestaram foram presos tambem e em breve uma multidão enorme de municipaes e policia levava-os presos para o governo civil. A indignação é geral.

Os estudantes vão realizar um grande comicio para protestar contra um acto tão inaudito e escandaloso.

Ante-hontem dois soldados de artilheria passavam pela feira das amoreiras a assobiam distraidamente a marseleza. Um policia, que ouviu, dirigiu-se a elles para os prender. Os soldados fugiram em direcção ao quartel que fica perto. O policia apitou e tendo-se-lhe unido muitos collegas marcharam direitos ao quartel para prenderem os homens, cousa que não podiam de maneira alguma fazer por ir contra todo o espirito e leis militares. A guarda do quartel formou e arremetteu com os policia, que deram ás canellas com ligeireza. Poderam, elles só são valentes com os fracos.

Diz-se que alguns regimentos accusados de republicanos serão transferidos para a provincia. Insiste-se muito n'isso, apezar de custar a acreditar a toda a gente que os governantes sejam tão imbecis. Affirma-se que começará a dançar por um dos corpos de caçadores, que sahirá a pretexto d'uma guarda de honra. Parece porém, que é artilheria a que está mais arriscado a andar. Veremos e falaremos, mas eu acho isso tão tolo, que declaro francamente—Não acredito.

X.

Recebemos do dignissimo presidente do *Gremio Moderno* a carta que em seguida gostosamente publicamos:

Amigo e sr. redactor do *Povo de Aveiro*.—Referindo-se, n'um dos artigos do n.º 17 do seu jornal, á Exposição d'Objectos d'Arte Ornamental e Productos Industriales do Districto, promovida e levada a effeito pelo *Gremio Moderno*, exposição, que está causando a admiração d'estranhos e patentecendo a indiferença d'esta boa cidade, por tudo quanto é nobre e alevantado, apresenta v. o meu humilde nome na cabeceira do rol dos que mais dedicadamente se sacrificaram, para a realização d'este tão notavel certamen. Permitta v. que eu offereça uma retificação ao artigo de que fallo.

Na relação dos individuos, que v. cita, como sendo os que mais se esforçaram, para que a exposição se effectuasse, faltam os nomes dos exm.ºs srs. Mendes Leite,

Áraujo e Silva e Joaquim de Mello Freitas. O nome de quem assigna estas linhas, se tem de entrar na relação, deve occupar o ultimo lugar. Apenas defendi em sessão do *Gremio* o parecer da commissão especial de que o sr. Araujo e Silva, foi relactor, sobre a proposta do sr. Marques Gomes. Aprovado o parecer os meus serviços limitaram-se a concorrer ás sessões das commissões encarregadas de levar a effeito a exposição e a prestar algum, mas insignificante, auxilio na installação dos objectos. Aberta a exposição apenas, ahi, tenho ido admirar o que se encontra exposto. Nada mais.

Entre os nomes, que peço inclua na referida relação, especializo pelos seus serviços o do sr. Araujo e Silva, que deve ser collocado no primeiro plano, a par do de Marques Gomes. Se este iniciou a ideia e tem dedicado á sua realização, durante tres mezes, constante trabalho e corajosa actividade, aquelle segue em linha perfeitamente parallela, com sacrificio de tempo, com admiravel dedicacão e não pequeno dispendio de dinheiro.

V. louvando os que tanto concorreram para pôr em pratica o que á maior parte se aligou a ideia de cabeças juvenis, distancia-se do meio imbecil e egoista em que vivemos.

Não querendo gloria, que me não caiba de direito, permitta-me que retire o meu nome d'entre os que devem ser galardoados pelos applausos dos homens de coração.

E' tanto mais necessario isto, quanto por ahi, já, andam amesquinhando a obra dos benemeritos e tomando, como gastos em divertimento, os dias perdidos por esse districto fóra, em busca de objectos raros, e as quantias sahidas dos proprios bolsos dos commissarios, para pagamento das despezas, que essa peregrinação acarretou.

Peço a inserção d'estas linhas, como rectificação á falta involuntaria de v. e como protesto contra as indignidades, que se estão commettendo, a proposito da exposição.

Cria-me de V.

Amigo Obrigado.

Aveiro 22 de maio de 1882.

F. REGALLA.

Quando no numero passado d'este jornal nós nos occupamos da exposição, apontando o nome dos individuos que mais concorreram para este brioso empreendimento, que tem sido desdenhado e ridicularizado por uma *troupe* anonyma de necios e despeitados, não tivemos em vista ter em menos conta os serviços prestados pelos srs. Araujo e Silva, Joaquim de Mello e Freitas e Manuel José Mendes Leite. Pelo contrario. No intuito de fazer justiça e esclarecer a opinião é que assim procedemos.

E' tanto não tivemos intenção de desconsiderar estes senhores que o cidadão Joaquim de Mello e Freitas, que temos na conta de um correligionario convicto, deixou de ir incluído na lista dos benemeritos d'aquelle certamen, por estarmos mal informados. Foi apenas por uma carencia de informações que omitimos os nomes dos tres illustres cidadãos. Folgamos portanto de rectificar a verdade.

Emquanto ao esclarecido presidente do *Gremio Moderno* só a sua muita modestia o inhibe de não querer para si uma parte importante da gloria que lhe cabe na fecunda realização da nossa primeira exposição districtal.

A colonia franceza já representou ao respectivo ministro d'aquella grande republica contra a insolita prohibição do hymno na-

cional de França á Marselheza.

O governo e o Aitobas não tem a cabeça no seu lugar. A republica franceza ha-de-lhes exigir uma satisfação e o nosso ministro ha-de ficar com cara d'asno.

Recebemos e agradecemos o relatorio que ao paiz dirige o syndicato portuense acerca da ligação do Porto com Salamanca.

Publicou-se em Setubal o numero unico d'uma folha com o titulo—*Marquez de Pombal*, como homenagem da Juventude Liberal Setubalense áquelle sublime reformador.

Agradecemos o obsequio da remessa do jornal com que nos distinguiram.

Existe em Ilhavo ha já alguns annos um instituto de irmãs da caridade, propriedade dos padres lazaristas e sob a sua immediata direcção e governo. Estas piedosas mulhersinhas, segundo os seus dizeres, entretêm-se a socorrer os infelizes, a velar pelos desvalidos e a encaminhar as santas almas dos que morrem na crença catholica a subirem sem extravió á phantastica morada celeste.

Este é o fim manifesto que ellas publicam e o cavallo de batalha para encobrir as poucas vergonhas e os desmandos reaccionarios de toda essa caterva rancorosa de perdidos sotinaes.

Parece incrível que a doez passos da terra que foi berço de José Estevam, o maior açoute das irmãs da caridade e da canalha lazarista se consinta impunemente que á sombra da lei e em prejuizo da sociedade medre e floresca o tortulho venenoso do lazarista e a lepra contagiosa da concubinação jesuitica.

Mas isto vae tudo assim.

A monarchia presente a fatalidade da sua impotencia cobarde e vae-se confiando aos padres da companhia como unico e desesperado refugio para os ultimos momentos.

Temos um governador civil que apezar de ser muito boa pessoa é d'um desleixo curial a toda a prova e d'uma condescendencia que toca a raia da cumplicidade. Já quando occorreu o incendio no convento de Sá, quando todos esperavam que aquelle covil de lazaristas fosse extinto na impossibilidade de ser habitado, e o *Districto d'Aveiro*, uma folha ministerial ter-lhe chamado os nomes mais feios já o sr. governador civil não devia ter obdecido ao vigario geral, que nos sahiti um jesuita de cunho e um protetor de toda a vadiagem de batina.

O galhardo e sympathico companheiro de José Estevam, o velho patuleia apostata está cançado senil e inutil. Já não é fogoso revolucionario d'outras eras, o coração franco aberto ás grandes expansões do povo e do paiz; transformou-se em cidadão inerte humilhado perante a reacção que o applaude e domestica.

As irmãs da caridade d'Ilhavo e as velhotas manhosas do mosteiro de Sá podem portanto descansar perfeitamente sem o temor de serem encommodadas pelo governo ou pelo seu delegado n'este districto.

Já principiaram na segunda-feira as obras para o monumento do grande orador e democrata José Estevam Coelho de Magalhães.

E' justo que todos os filhos d'esta terra, de que elle foi o mais glorioso ornamento, concorram á porfia com o seu obulo pecunia-

rio para solver uma dvida inalienavel de gratidão e de reconhecimento profundo.

O governo ordenou ao Vigario Geral que o cartorio do convento de Sá seja sem demora transferido para a repartição de fazenda districtal em virtude do desaparecimento de muitos papeis valiosos que teem sido sonegados.

Já não somos só nós que nos queixamos; até o proprio governo se revolta e acatella contra as machinações e latrocinios d'aquelle velho mosteiro.

As santas creaturinhas do Senhor, essas almas bemfazejas e solitarias não se occupam somente com o insipido e monotono das rezas e orações, tambem vão escogitando e lançando mão dos documentos importantes e outras cousas mais que lhes faz conta e arranjo.

Ora ainda bem que é o proprio governo o primeiro a precaver-se contra as indignidades freiraticas.

A camara municipal não deve consentir que se descarreguem barcos de barro em nenhum dos desembarcadouros do caes da nossa ria. A vereação transacta nunca tal permittiu nem no proprio estaleiro e é preciso que a actual olhe tambem para isto. Presencemos ha tres ou quatro dias estar-se a descarregar um barco de tal fazenda n'um dos desembarcadouros do Alboj e tendo um official da camara observado ao dono do barro que estava presente para que não desembarcasse alli aquella porcarias este desobedeceu-lhe terminante.

E' preciso notar que o tal senhor é um granjola de *pur sang* e que conta com a benevolencia do sr. presidente da camara.

Para este genero de cargas ahi estão as *malhadas* que são tambem excellentes desembarcadouros. E' preciso providenciar.

Teem logar na terça e quarta-feira no theatro *Aveirense* dois espectaculos convidativos, dados pela companhia do Gymnasio de Lisboa e em que toma parte o sympathico actor Antonio Pedro.

Na primeira noite representa-se—*O Saltimbanco*, drama em 4 actos, original do sr. Antonio Ennes.

A segunda recita consta do drama em 5 actos e 8 quadros intitulado—*As Duas Orphãs*.

São duas noites agradaveis que se vão passar. Ao theatro, pois.

A exposição districtal, promovida por iniciativa do *Gremio Moderno*, no intuito de solemnizar o centenario do Marquez de Pombal continua a chamar a attenção de muitos homens illustrados do districto e do paiz, sendo alvo dos mais louvaveis encomios e das mais lisongeiras apreciações. Pena é que uma boa parte dos individuos d'esta cidade, que se presam de usar gravata lavada tenham querido desdenhar da excellencia d'um tão glorioso empreendimento, pretendendo offuscar o brilhantismo da exposição com considerações de despeito e com as suas reticencias significativas e delambidas. Os srs. detractores, muito embora façam a sua critica mal intencionada e á laia de jesuitas, mas não se refugiem na sombra e não se escudem com o anonymo, appareçam por uma vez, revelem-se francamente tomem a responsabilidade do acinte e não estejam para ahi com as suas meias phrases, com as suas tenuas ironias e com os seus sorrisos de mariolas e teimosos a provocarem um protesto digno e hon-

rado de todos os homens verdadeiramente liberaes e emprehendedores.

— Não os satisfaz a exposição? Mas vós ainda nem sequer a visitasteis para terdes uma opinião. Em virtude, pois, de que principio depreciaes uma cousa que desconhereis?

É um vicio tradicional, já muito estafado e muito em voga na nossa exigua sociedade logo que alguém se lembre de iniciar qualquer prosperidade local surgir a sacia de desalmados e latrinarios n'um zunido sombrio e recatado, maldizendo e deprimindo a utilidade da empreza ou beneficio que se projecta ou realisa. O que agora succede com a exposição succedeu já com o *Gremio Moderno*, succedeu com a digna commissão dos artistas promotora do monumento a José Estevam e hade continuar a succeder em quanto o jesuita de casaca não for substituído pelo democrata honrado e liberal e pelo artista honesto e intelligente.

A exposição, ella ahi está. É o resultado proficuo e salutar da energia e boa vontade de um grupo de cidadãos que por este meio engrandecem e realçam a sua terra elevando-lhe o prestigio e popularizando-lhe o nome.

— Ao passo que uns bellos rapazes andam por ahi a empregar a sua mocidade em pugnas tauromaticas inglorias e estravagantes e por outro lado gastando-se e inutilizando-se pelos baucos da *botota*, o *Gremio Moderno* consegue realisar uma magnifica exposição districtal e prepara-se para novosemprehendimentos.

É assim que esta digna associação responde ás accusações ignobres dos inuteis e dos velhacos.

Do presidente da commissão dos artistas que promove a erecção do monumento a José Estevam, recebemos a carta que se segue:

Tendo noticiado os jornaes d'esta cidade que o Ill.º sr. Bernardo da Cruz Maia, residente no Rio de Janeiro, subscrevera com 45000 rs. para a estatua de José Estevam Coelho de Magalhães,—como presidente da Commissão promotora do monumento, venho declarar que não foi 45000 rs., mas sim 50000 rs., com que aquelle nosso generoso compatriota subscreveu, quantia esta que foi entregue ao Thesourreiro da Commissão pelo Ill.º sr. Antonio José Lopes, d'esta cidade.

Aveiro 20 de maio de 1882.

JOÃO DA MAIA ROMÃO.

Pitadas

Um sujeito de cabelo muito ruivo, entrou n'uma casa onde se achava um jesuita, o qual ao vel-o disse á pessoa que lhe ficava ao lado:

— Este homem é ruivo como Judas.

O recémchegado que o ouviu, retorquiu-lhe:

— Olhe, padre, não está averiguado se Judas, era ou não ruivo; agora, o que se sabe com toda a certeza, é que elle era da Companhia de Jesus.

— Vi o diabo, vi o diabo! dizia um saloio simplorio fugindo pelos campos.

— Que dizes tu? viste o diabo? pergunta-lhe outro.

— Vi sim! Transformado em burro.

— Qual historia! Isso foi a tua sombra!

Um geral dos benedictos, falando francamente com um parente seu que lhe estranhava o ter abraçado a vida monastica, dizia-lhe:

— O meu voto de pobreza rende-me cem mil cruzados por anno;

e o meu voto de humildade torna-me mais poderoso que um príncipe!  
E ainda elle não enumerava os proventos que tirava do voto de castidade.

### Praça de touros em Aveiro

Brilhantes e apparatusas corridas de Touros por curiosos nos dias 4, 8, 11, 18, 24, 29 de Junho de 1882. Serão corridos cada tarde 7 bravissimos touros todos puros e apartados a capricho, sendo comprados de proposito para estas funcões.

Tomam parte n'esta corrida os mais distinctos curiosos de Lisboa Porto, Coimbra e Borda d'Agua, que em obsequio ao Emprezaario se prestam a abrilhantar estes recreios tauromathicos.

Tomam parte os curiosos.  
M. M. e A. C.  
Haverá um grupo de homens de forçado.

Os capinhas prestam-se a fazer lindas sortes taes como cambios, sorte de cadeira, etc. e farão os passes de capote e muleta, quando o director assim o entender.

Por especial obsequio ao empresario é director das corridas e ex.<sup>mo</sup> sr. Leite Ribeiro.

### PREÇOS

Camarotes com 6 entradas á sombra, 25000 rs.—Ditos do sol, 15000 rs.—Lugares servados, atapetados, 500 rs.—Sombra 240 rs.—Sol 120 rs.—Galeria 460 rs.—Haverá meias entradas para creanças até 12 annos e militares sem graduacão.

Ha assignatura para as 6 corridas com abatimento, em camarotes e logares reservados.

Preços: Camarotes de sombra 85000 rs.—Ditos de sol 45500 rs.—Logares reservados 25500 rs.

Os bilhetes e camarotes acham-se á venda na loja do sr. Gamellas & Filho.

A corrida do dia 8 é a 1 hora da tarde. Como já ha muitos pedidos de camarotes, as pessoas que quizerem podem malda-os marcar.

### THEATRO AVEIRENSE

Companhia do Gymnasio de Lisboa  
Terça-feira 30 de Maio

A representação do drama em 4 actos, original do sr. Antonio Ennes

### O SALTIMBANCO

Quarta-feira 31 de Maio

A representação do drama em 5 actos e 8 quadros

### AS DUAS ORPHÃOS

Os bilhetes de plateias e camarotes acham-se á venda na bilheteira do theatro de segunda-feira em diante.

## ANNUNCIOS BANDEIRAS

ALUGAM-SE bandeiras novas, quem nas pretender alugar fale com Rodrigo Mheiro, rua de José Estevão n.º 64—a 67.

# SINGER!

Machinas para coser, a prestações de 500 réis semanaes

Machinas paracoser com 10 por cento menos, a prompto pagamento



QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÂ OSE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mndho conhece e que nunca tiveram rival

### CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA COMPANHIA FABRIL SINGER

75—Rua de José estevão—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO



62—LARGO DA PRAÇA—53

OVAR

PECAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS QUE SE DARÃO GRATIS

Vende-se algodões, torçoes, agulhas, oleo e peças soltas a preços baratissimos

## FONSECA

Feira de S. Bento, 33, 34 e 35

Grande loteria do Brazil na provincia do Rio de Janeiro.

PREMIO GRANDE

### 200:000\$000

Extração em 10 de Junho. Grande sortimento de bilhetes a 10:000 reis, meios a 5:000, quintos a 2:500 reis e meios a 250 reis

GRANDE LOTERIA DE MADRID

Extração em 6 de Junho de 1882

PREMIO GRANDE

### 90:000\$000

Grande sortimento (como em nenhuma outra casa) de bilhetes, meios, quintos, decimos, e fracções de 4500, 3000, 2500, 1500, 600, 480, 240, 120 e 60 reis. Séries de 10 numeros seguidos de 125000, 65000, 45800, 25400, 15200 e 600 reis.

PREMIOS

4 de . . . . .	90:000\$000
1 . . . . .	45:000\$000
4 . . . . .	22:500\$000
4 . . . . .	9:000\$000
3 . . . . .	4:500\$000
30 . . . . .	900\$000
2 approximações de . . . . .	2:160\$000
2 . . . . .	1:800\$000
2 . . . . .	990\$000
700 de . . . . .	270\$000

Esta casa acceita para agente em qualquer terra quem dê abonação ou boas referencias n'esta cidade e offerece-lhes grandes vantagens, taes como, a de poder recambiar todo o jogo que não possa vender

Telegrammas e listas gratis. Pedidos acompanhados da sua importancia em sellos, valles do correio ou ordens dirigidas a cambista

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

Feira de S. Bento, 33, 34 e 35

PORTO

## ESCOLA JOÃO DE DEUS

Dirigida por J. Mendes da Costa

RUA DA VERA-CRUZ, JUNTO Á PHARMACIA MOURA

AVEIRO

Foram approvados nos ultimos exames de admissão dos lyeu todos os alumnos d'esta escola, em cujo numero entrou uma menina.

Admittem-se alumnos n'esta escola tanto para instrucção primaria elementar como complementar. O ensino de leitura é pelo methodo de João de Deus, que veio arrancar as criancinhas, que teem a felicidade de ser ensinadas por elle, a um martyrio certo—aprendendo além d'isso em menos de metade do tempo do que aprendem pelo antigo systema.

Tambem se recebem 4 alumnos internos.

Ha uma classe para meninas em salla separada, e dirigida por professora habilitada.

Continuam a dar-se lições em casas particulares tanto a meninos e meninas como adultos, habilitando-se igualmente para exame.

Preços commodos, não pagando nada os alumnos pobres.

## SINGER!

### GRANDE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril

SINGER

—Rua de José Estevão, 26 e 28—

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas legitimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a praso.

Grande abatimento nas vendas a prompto pagamento.

Em todas as machinas vendidas a praso dispensa-se a prestação de entrada, sendo o 500 reis semanaes seu pagamento feito a

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SANTOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos

AVEIRO